

O time de Opinião está na página 4



Lula



Eduardo Albuquerque



Chico de Oliveira



José A. Moisés

EM TEMPO:

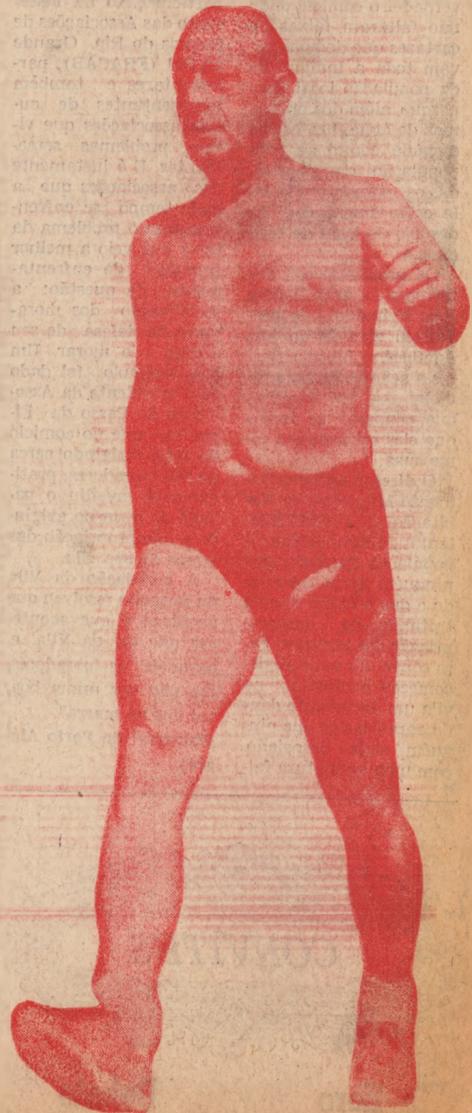
SEMANARIO NACIONAL - ANO II - N.º 69 - Cr\$ 15,00 - 21 A 27 DE JUNHO DE 1979

Encontro Nacional dos Movimentos

pela Anistia afirma:

Criminoso de sangue

é o regime ditatorial



O projeto governamental de anistia, em caminhado esta semana pelo ministro Portela ao presidente Figueiredo, excluirá muitos condenados pela Lei de Segurança Nacional, sob a alegação de que cometeram "crimes de sangue", isto é, pegaram em armas para com bater a ditadura militar. Movimentos pela anistia reunidos no Rio repudiaram essa manobra do regime e reafirmaram a necessidade de insistir na conquista da anistia ampla geral e irrestrita.

Pág. 5

E MAIS: Jacob Gorender

Condenado em processo do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), jornalista e escritor do livro "Escravidão Colonial", comenta o projeto do governo e diz o que pensa sobre anistia.

Também na pág. 5

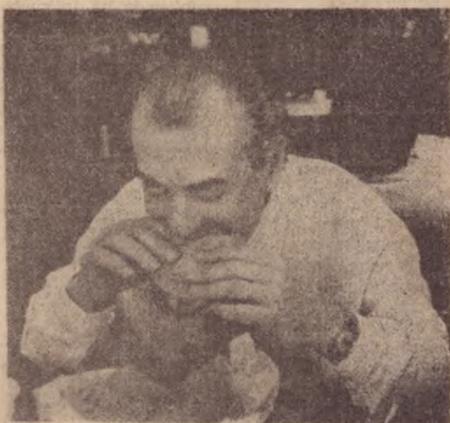
Próxima Edição

Pela primeira vez no Brasil, a revelação de toda a história de um militante da esquerda armada que foi para a televisão dizer que estava arrependido, acusar seus antigos companheiros e falar bem da ditadura. Um depoimento humano, sentido, verdadeiro, escrito pelo próprio punho do ex-militante arrependido. Um história incrível, que põe a nu o regime e envolve altas autoridades do pós-64.

PTB

A reunião dos trabalhistas, em Lisboa, que articulam o ressurgimento do PTB. Com avaliação crítica e um paralelo com o Encontro de São Bernardo, que reuniu os líderes sindicais do Partido dos Trabalhadores (PT), emdebistas autênticos e intelectuais.

Pág. 12



Brizola se prepara para o regresso



Projeto-Rio

O ministro do Interior, Mario Andreazza, o dos projetos faraônicos (Transamazônica e Ponte Rio-Niterói), ataca agora 250 mil favelados do Rio de Janeiro. O que significa esse projeto de urbanização, que ainda não está no papel, mas a grande imprensa carioca e nacional não para de badalar?

Pág. 9

DEBATE:

O leninismo em questão,
nas plagas europeias

Não deixe de ler na página 10



Ernest Mandel

Caçada

O porta-voz do Palácio do Planalto, mostrando que cara de pau não é o que lhe falta, falando da venda de armas à ditadura de Somoza, alegou que eram apenas armas de caça, como se isso refrescasse alguma coisa.

Só faltou ao sr. Kraemer dizer que a caça preferida de Somoza são os opositores ao regime.

(RVN)

Os vereadores perderam o sono em Pouso Alegre

Com funcionários públicos de Pouso Alegre, no sul de Minas, invadiram a Câmara Municipal e mantiveram 15 vereadores detidos durante três horas. Motivo: a Câmara havia rejeitado um projeto de aumento de 40% para o funcionalismo da cidade.

Amedrontados diante da justa revolta dos funcionários, os vereadores tentaram apelar para a polícia. Não conseguiram, pois os fios dos telefones estavam cortados. Somente às 22.30 horas, os vereadores conseguiram avisar o delegado da cidade, que mandou um destacamento de 23 soldados da Polícia Militar em "socorro dos representantes do povo". Fortemente escortados, os vereadores saíram da Câmara em rádio-patrolhas.

"Lamentável engano", foi como se desculpou mais tarde um vereador do MDB em relação a rejeição do projeto de aumento. E não deu outra coisa: por livre e espontânea pressão, a Câmara de Pouso Alegre acabou aprovando o aumento de 40% para o funcionalismo.

Se o exemplo dos funcionários de Pouso Alegre pega que se cuidem os parlamentares "picaretas" de todo o Brasil.

GERAIS

Qual é, Brizola?

Falar mal do Ulisses Guimarães, vá lá. Mas defender o Petrônio Portela... (RVN)

Cineclubes mineiros realizam encontro

Reunindo cerca de 100 delegados representando 30 cineclubes de todo o Estado, realizou-se em Lavras, interior de Minas, no último fim de semana, o V Encontro de Cineclubes Mineiros. O Encontro teve por objetivo definir linhas de atuação para os cineclubes através do debate de três temas básicos: Tendências Atuais do Cinema Brasileiro, Produção Independente e Conjuntura Político-Cultural.

Durante os debates viu-se que a tendência básica do cinema brasileiro atual é a de fortalecimento de uma estrutura monopolista de produção, onde 6 "superproduções", estilo Dona Flor e seus dois maridos, Chica da Silva, etc., ocupariam totalmente o espaço do mercado reservado ao cinema nacional, através do apoio dado pela Embrafilme. Isso impede a afirmação de uma produção independente, feita por pequenos produtores, com filmes geralmente mais críticos, mais comprometidos com a transformação social. Para os cineclubes apenas a organização de um circuito cultural alternativo, desvinculado das salas comerciais de exibição, é que pode impedir a asfixia-

mento dessa produção independente. Além disso foi visto como fundamental que os próprios cineclubes se engajem na produção de filmes, aproveitando-se da estrutura democrática de um trabalho cultural essencialmente voltado para as comunidades onde atuam: escolas, bairros de periferia, sindicatos, etc. Para a materialização dessa proposta viu-se a necessidade de se reivindicar do Estado o acesso aos meios de produção e divulgação da arte cinematográfica, rejeitando-se desde já qualquer relacionamento paternalista que venha a comprometer a organização independente dos cineclubes.

Ao final do Encontro, foi aprovada uma Carta-Programa do movimento cineclubista mineiro, cujas propostas centrais são a luta contra a estrutura de produção cinematográfica regida pelo lucro, contra a censura e pela liberdade de criação e expressão.

Na Carta, os cineclubes se posicionaram também pela sua união aos setores oprimidos da sociedade, nas lutas pelas liberdades democráticas e pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita.



Descubra se você é um brasileiro típico

Seção Testada (Prá você usar a cabeça)

John Wayne, morto de câncer na semana passada, foi eleito (ou nomeado, qualquer coisa assim) pela Folha de São Paulo "O americano típico", no caderno Folha Ilustrada. As justificativas que aparecem sob uma foto do "cowboy", para tal escolha, são as seguintes: simples, rápido nas armas, incorruptível e sempre ao lado da verdade.

Enfim, já posso saber como é o americano típico. Sempre imaginei que rapidez no gatilho (ou nas armas, como diz a Folha) fosse coisa de filmes de banguê-banguê, mas não: esse foi um dos critérios que o jornal adotou para escolher John Wayne. Outras qualidades do americano típico são ainda quase inacreditáveis: incorruptível e sempre ao lado da verdade. Quem diria! Chego até a pensar que as multinacionais, a CIA e os próprios presidentes norte-americanos, na realidade, não têm nada a ver com os Estados Unidos.

Falta agora a Folha escolher o seu brasileiro típico. Fleury já morreu e não vale. Quem sabe será o Maluf? Ou será o Erasmo Dias? Façam suas previsões e mandem para a Folha que nós não temos nada com isso. Porém, para facilitar as coisas, procuraremos ajudar vocês a procurar o tal personagem, oferecendo-lhes um teste feito especialmente para isso:

1 — O americano típico, como vimos, é rápido nas armas (é ele que empunha as armas, não é?). No mesmo aspecto, o brasileiro típico...

- Tem que ser rápido para escapar da arma empunhada pelo americano típico.
- Jamais dueiou com o americano típico.
- Está mais preocupado com a alma (o corpo não tem mais salvação) do que com a arma.
- Também dá seus tirinhos.

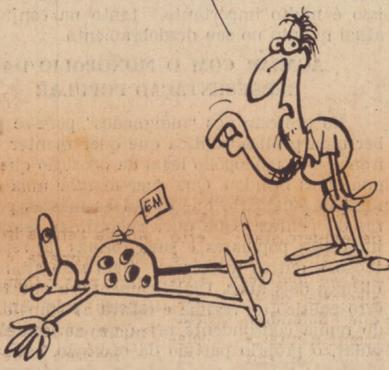
2 — Vimos que o americano típico é incorruptível. Já o brasileiro típico...

- É arenista.
- Votou no Maluf (ele é um dos delegados partidários).
- Está fichado na Sociedade de Proteção ao Crédito.
- Trabalha na embaixada brasileira em Paris.



LAGOA, MARACANÃ E COPACABANA SÃO AS ÁREAS COM MAIOR CONCENTRAÇÃO DE CHUMBO NO AR EM TODO O MUNDO

AQUI NA BAIXADA O CHUMBO NÃO ESTÁ NO AR, MAS...



Cláudio

DOCUMENTO

Cr\$ 600,00



Assine EM TEMPO:

Nome Profissão
 Idade Endereço
 Bairro Fone Cidade
 Estado CEP End. Comercial
 Horário Fone Estou enviando o cheque n°
 do Banco em nome da Editora: Aparte S/A
 Rua Bernardo Guimarães, 1884, Lourdes, Belo Horizonte MG, CEP 30.000, EM
 São Paulo: Rua Mathéus Grou, 57, Pinheiros, São Paulo - (SP)
 CEP 05415, fone: 853-6680

Anual: Cr\$ 600,00
 Semestral: Cr\$ 350,00

Exterior
 Anual: US\$ 90,00
 Semestral: US\$ 50,00

DIZ PICHANÇA



OPINIÃO

A unidade dos estudantes

por Eduardo Albuquerque (*)



Há quase um mês após a realização do Congresso de Reconstrução da UNE, parece-nos que seus resultados ainda não foram bem avaliados pela maioria das tendências estudantis e dos estudantes em geral. Há um impio o debate que EM TEMPO publicou na sua última edição. Por este, achamos que os demais companheiros da diretoria provisória que participaram do debate, não extrairam o fundamental dos acontecimentos, aparentemente surpreendentes, do XXXI Congresso da UNE.

O fundamental, ao nosso ver, são os novos marcos em que se sustenta, hoje, a unidade dos estudantes. O Congresso de Salvador os expressou significativamente em duas questões: na Carta de Princípios e na rejeição do chamado "CHAPÃO", amplamente desconhecido da base estudantil.

A Carta de Princípios, além de garantir os princípios de representatividade e da independência frente ao Estado, posicionou-se "contra todas as formas de opressão e exploração e pela irrestrita solidariedade à luta dos trabalhadores de todo o mundo", e "pelo ensino público e gratuito voltado para os interesses da maioria da população". Um mal entendido dos delegados que confundiram programa com Carta de Princípios? Um estreitamento da base da entidade? Quem argumenta assim está longe de perceber as profundas mudanças na situação social dos estudantes e nos movimentos de massa no Brasil após o colapso do populismo em 64.

O intenso processo de acumulação capitalista no Brasil, após 64, significou para os profissionais graduados uma mudança de perspectiva. O requecimento pelas grandes empresas de um número cada vez maior de graduados, o surgimento e a capitalização das empresas de serviço, das quais um bom exemplo são as empresas médicas, foram desaparecendo, paulatinamente, com a figura do profissional "liberal", que sem qualquer capital, iniciava, por conta própria, sua vida profissional. Hoje, o que ocorre em quase todos os campos é o profissional "graduado" assalariado, sofrendo todos os problemas do assalariamento (desemprego,

exploração do patrão, etc.) e reagindo enquanto trabalhador, sindicalizando-se, entrando em greve. Esta situação, só para dar um exemplo, foi percebida claramente por Lula, no discurso do 1.º de Maio, que exaltou a entrada em cena dos novos aliados da classe operária, e que há dez anos atrás detinham privilégios próprios das classes dominantes e estavam do lado de lá.

A REFORMA NA UNIVERSIDADE

De outro lado, na Universidade, a reforma modernizante imposta pelo governo com o sentido claro de submeter o ensino aos interesses patronais, foi amplamente desmascarada, mostrando aos estudantes o que é a Universidade que serve à burguesia. Assim, um fato está claro: os estudantes, pela sua situação atual — submetidos à universidade burguesa — e pela sua situação futura — enquanto maioria de assalariados estão colocados na sociedade, objetivamente, ao lado dos trabalhadores.

Uma outra grande mudança, de caráter político, também ocorreu no movimento estudantil e nos movimentos de massa em geral. O que dizer do grande grau de independência e democracia direta, de ação própria das massas, que vem marcando esses movimentos? Esta é uma característica nova, já embrionária em 68, que difere radicalmente dos movimentos pré-64, entrançados pela perspectiva reformista e populista. Esta perspectiva implicava num curto horizonte social — as reformas de base, dentro do capitalismo — e num coerente (com este horizonte) método de intervenção das direções populares, que, no essencial, reproduzia os métodos da democracia burguesa: esvaziamento do poder das bases, princípios parlamentaristas, substitucionismo, manipulações, etc. Como dissemos, 68 foi um ato embrionário de rompimento com o populismo e a democracia indireta e formal. Hoje, se estes ainda não estão rompidos, isto ocorre principalmente por vacilação da maioria das direções, que se negam a desenvolver a crítica praticada pelos movimentos de massa, que se afirmam antipatrão, independentes e de base.

Estes a nosso ver são os novos alicerces da unidade dos estudantes.

(*) Eduardo Albuquerque é diretor do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais, entidade que faz parte da diretoria provisória da UNE — União Nacional dos Estudantes.

É hora das oposições abrirem seus olhos

por José Alvaro Moisés (*)



O pior cego é mesmo aquele que não quer ver. Creio que o momento político presente reatualizou esse velho ditado popular para algumas das questões políticas mais polêmicas da nossa atualidade. A primeira dessas questões diz respeito à natureza da atual conjuntura política que, segundo a minha avaliação, marca, de modo bastante peculiar, a profunda crise que já alcançou o regime autoritário no Brasil.

Entretanto, embora já esteja mais do que evidente a completa ausência de legitimidade popular do regime de 1964, são, exatamente, os seus dirigentes os políticos que seguem detendo em suas mãos as iniciativas de mais impacto destinadas a conduzir a atual fase de transição.

De fato, a transição política vai se dando sob o controle do regime, embora a presença das forças populares na cena da política seja cada vez maior, quando menos do ponto de vista numérico. Creio que é necessário reconhecer que, sem dúvida, essa capacidade do velho regime se deve ao fato de que os seus detentores gozavam do uso quase irrestrito da violência e da coerção; mas é preciso admitir, claramente, também, que essa capacidade de deter a iniciativa política em suas mãos advém ainda do fato de que, pelo menos desde fins de 1978, o regime vai ocupando politicamente os espaços vazios deixados pela sua própria crise política.

Não é difícil perceber que embora presentes, as Oposições Populares perderam grande parte de sua vitalidade e de sua capacidade de criar fatos novos; e isto não se deve, simplesmente, ao fato de que o AI-5 foi morto e sepultado pelo próprio regime ou que a anistia (certamente restrita, é claro) está se aproximando a passos largos de nós, podendo atingir e, mesmo, interessar número significativo de políticos perseguidos.

Isto se deve, a meu ver, ao fato curioso e paradoxal, ao mesmo tempo, de que as Oposições brasileiras, de modo particular as esquerdas, alimentaram (e ainda alimentam) o velho mito da "queda da ditadura" como resultado de algo como uma espécie de "dia D"; isto é, algo como uma data que deveria resultar de um longo processo de acumulação de forças que, a certa altura, decretaria o fim da ditadura. Só então, depois desse "dia D", estariam autorizadas as Oposições Populares a apresentarem à sociedade as suas alternativas de fundo para democratização da sociedade.

Concepção liberal do fim do regime autoritário, influenciada em grande parte pela experiência do segundo pós-guerra, em 1945-46, essa idéia

impediu que amplos setores das Oposições democráticas se dessem conta de que o autoritarismo em crise se recuperava rapidamente (mesmo quando admitia a sua própria crise), para poder subsistir, em novas condições, no novo quadro que se viesse a formar. Impediu mais, por isso mesmo, cegando esses setores para verem que o quadro de desagregação política já ia se formando à sua própria volta.

O MDB JÁ ESTAVA DIVIDIDO

Zelosos de uma unidade que deveria se manter a qualquer preço, esses setores não se deram conta de que a própria Federação das Oposições, isto é, o MDB, já estava dividida no momento em que o tema da reformulação partidária ganhava as manchetes dos jornais e a preocupação de muita gente na direita e na esquerda do espectro político.

Por isso, esses setores se recusaram a olhar de frente para um problema que não é apenas conjuntural, contemporâneo da atual crise do autoritarismo, mas tem caráter estrutural na sociedade brasileira e larga raiz histórica: a necessidade das classes populares se organizarem em um amplo partido de massas, capaz de retirá-las de sua profunda heterogeneidade de composição social e de servir de conduto para a sua luta frente a adversários tão poderosos e tão hábeis, como são as elites do capitalismo selvagem que se formou entre nós.

O resultado é que agora, no momento em que o regime procura extinguir o bipartidarismo por razões próprias, e o conjunto de forças políticas conservadoras se preparam para se organizar em novos partidos políticos, as Oposições se encontram confusas e sem perspectivas e, em grande parte, se degladiando entre si. Incapazes de reconhecer a sua própria natureza heterogênea, amplos setores dessas Oposições insistem em não ver que dentro da sua própria formação há já iniciativas políticas que acabarão por redundar na criação de novos partidos. Ao invés de reconhecer a legitimidade dessa questão e se preparar para ela, amplos setores das Oposições Populares preferiram lutar contra essa tendência, negando até mesmo o imperativo democrático que é a liberdade partidária.

Talvez se deva concluir que aos que se negam a ver os fatos aconselha-se, como primeira medida, que comecem olhar à sua volta para se dar conta, quando menos, que o barco já fez água há muito tempo e que é melhor aceitar essa realidade agora, enquanto não é tarde demais, do que ser surpreendido em futuro próximo por alguma iniciativa que os imobilize e paralize de vez para intervir nos rumos da atual crise do regime.

(*) José Alvaro Moisés é sociólogo, professor da PUC de São Paulo e pesquisador do CEDEC — Centro de Estudos de Cultura Contemporânea.

Não se trata de levar o PT para o MDB ou vice-versa

por Luís Ignácio da Silva, o Lula (*)



Há dois aspectos para mim muito importantes como desdobramentos do Encontro de São Bernardo. De um lado, pela primeira vez na história política deste país, ou pelo menos nos últimos 20 anos, um grupo de pessoas que fazem oposição ao modelo político, ao modelo econômico e à estrutura sindical brasileira se reúne para tentar unificar comportamentos na sua ação. De outro lado, houve algo muito importante como resultado deste encontro que foi o fato de tanto os políticos, como os dirigentes sindicais e os intelectuais a presentes reconhecerem as falhas de sua ação atual e nenhum planejamento, mais ou menos por acaso. Isto é óbvio que para o avanço da oposição nesta fase atual é necessário toda uma visão de conjunto e programada. E dentro deste espírito é que foi formada uma comissão de 5 dirigentes sindicais, 5 políticos e 5 intelectuais para que se comece a programar uma atuação mais completa e mesmo novos encontros com estes

setores e quem sabe com outros mais no curto prazo. O objetivo do encontro não foi de forma alguma passar o pessoal do MDB para o PT, ou o pessoal do PT para o MDB ou os intelectuais para qualquer um dos dois. Assim os desdobramentos mais concretos se darão a partir do momento em que a comissão começar a se reunir, coisa que deve ocorrer já a partir da semana que vem.

O Encontro poderá vir a se constituir num partido político, desde que todo este pessoal, principalmente o ligado à área trabalhista, aos trabalhadores, venha a se comprometer com um programa claramente voltado para os interesses da classe trabalhadora. A questão não é se criar um partido hoje ou amanhã, mas sim estar preparado para quando for o momento se criar um partido que possa realmente se chamar partido, e que atenda aos interesses de todos aqueles que são assalariados.

Finalmente, o decisivo é que os resultados daquele encontro sejam levados para a discussão a nível das bases de trabalhadores e para todos os setores da sociedade. Ai sim, neste momento, poderemos pensar em criar um partido político que represente toda a classe trabalhadora brasileira.

(*) Luís Ignácio da Silva é presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo.

O significado político do Encontro de São Bernardo

por Francisco de Oliveira (*)



O Encontro de São Bernardo, que reuniu líderes sindicais, parlamentares do MDB, intelectuais, militantes de movimentos sociais de variada índole e origem, despertou um leque de reações que diz bem de sua oportunidade: há muito não se reabria reunião dessa importância nas hostes da oposição brasileira.

Entre essas reações, importantes é assinalar aquelas que se manifestaram contra a realização da reunião ou procuraram minimizar sua importância. O mote geral dessas reações foi o de apontar "divisionismo" na realização da reunião, chegando até a sugerir e mesmo declarar alto e bom som — mais de um "indignado" presente mesmo à reunião — que a reunião fazia o jogo do regime ao tentar dividir o MDB. A glosa evidentemente foi a de reclamar "unidade" da oposição, "manutenção da unidade" do MDB como única forma de combate ao regime.

A acusação e o reclamo em torno da unidade não seria para levar a sério, mais do que as já consabidas capacidades de denunciar "inimigos do povo" em proveito próprio, se não revelasse a extensão e a profundidade de uma prática política perniciosa aos interesses das amplas massas exploradas nacionais. Pois é disso que se trata. De passagem, convém notar que muitos dos que se levantaram "indignados" contra o "divisionismo" dos que se comprometeram em São Bernardo a mudar a qualidade da oposição brasileira, foram pegos dias depois em conchavos com figuras não exatamente de oposição — que tal a dobradinha Magalhães Pinto-Orestes Quércia?

O MDB REPRESENTA QUEM?

Os líderes sindicais foram a São Bernardo dizer alto e bom som que não se sentem representados no atual quadro partidário brasileiro; levaram sua proposta de Partido dos Trabalhadores para discutir, não para impor. Encontraram parlamentares do próprio MDB que foram lá dizer que se sentem castrados em sua representação, em sua capacidade de representar a sociedade brasileira, e mais especificamente as amplas massas exploradas, dizer que a representatividade de seus mandatos é limitada; não foram lá renunciar a seus mandatos, mas a tentar uma forma de articulação orgânica que permita a permanente reiteração de compromissos assumidos nas campanhas eleitorais. Intelectuais foram lá como elementos que, em todas as épocas, em todas as latitudes, em todos os sistemas, fazem a ponte entre representantes e representados; não foram lá tentando substituir seja os trabalhadores, seja os parlamentares. E os que foram lá, em sua grande maioria, não necessitam pedir "nihil obstat" a qualquer figura do partido da oposição para sentem-se membros da oposição brasileira. São da oposição pela sua prática. Outros militantes de movimentos sociais foram lá também dialogar tanto com trabalhadores, quanto com parlamentares, para dizer que os movimentos sociais populares são, no mesmo grau e caráter que os movimentos dos trabalhadores, expressão da nova sociedade brasileira, e que sentem também a debilidade da representação política no quadro partidário atual; não a negam, mesmo porque muitos dos novos parlamentares e dos melhores, ou saíram desses movimentos ou foram apoiados pelos mesmos, mas querem contribuir para aprofundar a organicidade dessa representação, querem ensaiar numa perspectiva mais ampla as novas formas de representação de que seus movimentos são a feliz expressão.

Pode-se acusar de "obreirista" a proposta de trabalhadores que justamente querem ultrapassar os limites da ação sindical? Uma sigla e um rótulo não querem dizer tudo; dizem sim que a sociedade brasileira chegou ao ponto de que os trabalhadores, junto com outros setores, podem agora dar seu recado à Nação: podem propor a hegemonia dos interesses dos trabalhadores. E isso é muito importante, tanto na conjuntura atual quanto no seu desdobramento.

ACABAR COM O MONOPÓLIO DA REPRESENTAÇÃO POPULAR

No protesto dos "indignados" pode-se perceber uma prática política que quer manter — oh ironia — o monopólio legal da oposição que o regime lhes brindou. Que quer manter uma estruturação partidária que exclui as massas populares da política. Que quer subordinar sempre os interesses populares e suas formas de representação a outros interesses. Tem sido assim, nos últimos dois anos. Dialéticamente, o que foi um erro político do regime e estava se transformando numa contundente arma de contestação popular, o próprio partido da oposição, está sendo cooptado e posto sob controle de interesse que não são os populares. Desde o episódio da candidatura do gen. Euler Bentes essa manobra vem sendo feita. Agora, assiste-se à entrada no MDB de solenes figuras que no passado bem recente apoiaram o regime. Essa é a "unidade" necessária? É em nome dessa "unidade", que carrega em seu bojo "chaguistas" e adesistas de todos os naves, que se condenam irricativas partidas de expressivos setores e lideranças populares? O que é mais representativo hoje, um mandatário parlamentar às vezes eleito porque não existia outra opção ou um líder sindical, ou um líder de um movimento popular? Devemos ter a coragem de responder a essa questão: o líder sindical, o líder de um movimento popular, são mais representativos, sim. São lideranças forjadas dentro dos movimentos de trabalhadores e populares a despeito do regime; mas muitos dos que hoje vestem a camisa da oposição — e que a rigor são governistas de corpo e alma, para quem "fora do Governo não há salvação" — sem essa espúria estrutura partidária imposta pela ditadura talvez não passariam de vereador.

Mais importante do que ficar contando quem teve mais votos, num ridículo modo de pensar aritmeticamente a democracia, é indagar das novas formas de representação que estão aflorando desde muito. É indagar se a estruturação partidária tem sido capaz de expressar essa nova representatividade. É indagar se os próprios partidos são a melhor forma de representar interesses. É indagar como as novas relações sociais podem expressar-se na política, a fim de retirar a classe trabalhadora de um atomismo sindical que lhes castra a mensagem de hegemonia, a fim de retirar os movimentos populares do terreno da mera reivindicação que lhe reduz a capacidade de transformar a sociedade a fim de retirar a representação política do isolamento que a própria forma encontrada pela ditadura concebeu. O Encontro de São Bernardo sem exagerar-lhe a proporção e o significado, começou a indagar essas questões e a tentar uma prática que as supere. A "indignação" dos que ali não foram ou não gostaram de sua realização, é um pouco uma espécie de "choro e ranger de dentes" dos que sentem expirar o tempo do monopólio da representação popular que de fato não lhes foi delegada, senão pelas contradições do regime ditatorial que nos oprim há quinze anos.

(*) Francisco de Oliveira é economista e pesquisador do CEBRAP — Centro Brasileiro de Análise e Pesquisa

O ENCONTRO TRABALHISTA DE LISBOA

Muita comédia e pouca tragédia

O Encontro dos Trabalhistas do Exílio e do Brasil foi uma decepção completa, não fosse o alarde despropositado que a grande imprensa criou ao reu-
tor ao evento, inflando-o como um ato de grande importância para as oposições e planos do regime que ele por si mesmo, de forma alguma teria.

A começar já nos seus preparativos quando, na segunda-feira da semana passada, Brizola, retomando seu estilo tradicional lançava acusações descaídas e até mesmo deduzidas sobre as oposições. "Em 8 ou 10 anos assumiremos o poder no Brasil" sentenciava o velho líder do trabalhismo em entrevista à imprensa lisboeta. Como? Ninguém se preocupou em esclarecer, como se este vaticínio fosse evidente por si mesmo. Mas não ficando nisso, Brizola foi adiante. Para ele — retirando portanto, em alguma medida o ingenuo voto de confiança que meses antes dera a Figueiredo — o general não está se comportando como um "Suarez" pois sua democracia está sendo realizada na base do conta-gotas. Mas, se para o regime, Brizola tem compreensão, para a oposição parlamentar, sua rival, é ferro e fogo. "O Sr. Ulisses Guimarães está agindo agora como um novo Salazar" (sic), mas o Ministro Petrólio Portela "também quer a democracia" (sic): "o Partido (PCB) concorda com o MDB e elegeu 3 deputados sob a legenda oposicionista" (sic) e, assim por diante, o engenheiro foi lançando impróprios de toda ordem para o desencanto de quantos ainda tinham nele alguma esperança e a perplexidade de seus correligionários.

Por trás de tudo isto, apesar das tentativas de muitos em "explicar" tamanho arroubo, fica claro que Brizola abandonou as hipóteses de somar forças mais amplas no médio prazo e partiu definitivamente para a criação a todo custo e vapor de seu próprio feudo. Mesmo que isto implique em ter que vir a situar-se na fronteira entre a oposição e o regime, frustrando assim a tantos que viam no PTB um renascimento mais à esquerda de seu passado populista.

As presenças decepcionantes

O Encontro se realizou no fim de semana, dias 15, 16 e 17 em Lisboa, na sede do Partido Socialista Português, no Largo do Rato, cedida pelos socialistas portugueses juntamente com os serviços de infra-estrutura em geral.

As presenças foram o ponto alto da decepção. Apesar de 80 trabalhistas vindos do Brasil e 12 de outros países europeus e americanos, formando um plenário de cerca de 100 pessoas, a representatividade foi inexpressiva. Apenas 4 deputados estaduais e 10 federais, incluindo os 2 da Arena. Nenhuma liderança popular de vulto, seja sindical, estudantil ou qualquer outra, com a exceção de Francisco Julião, o antigo líder das Ligas Camponesas do Nordeste, hoje no exílio. E as representações internacionais devem-se muito mais à insistência da Internacional Socialista em prestigiar o Encontro com vistas à realização de seus planos para a América Latina, em especial para o Brasil. O que deve ser contado muito mais contra do que a favor apesar do grande valor individual de algumas destas representações. Estiveram assim na abertura do Encontro representantes da Frente Sandinista da Nicarágua, da Frente de Libertação de Mocambique, do

Movimento de Libertação de Angola e de vários partidos filiados à Internacional Socialista, além de 20 representações diplomáticas sediadas em Lisboa.

Trabalhismo social democracia

O anfitrião-mor do Encontro, líder do Partido Socialista Português, Mário Soares, abriu seu discurso das boas indas aos trabalhistas brasileiros destacando duas fraternidades: "a primeira é a fraternidade normal e natural entre portugueses e brasileiros, povos irmãos; a segunda é a fraternidade entre os socialistas portugueses e os trabalhistas brasileiros... sabemos o que é o exílio porque muitos dos nossos dirigentes e adeptos estivemos no exílio e sabemos o que é a resistência a um governo autoritário e ditatorial". Dizendo falar em nome da Internacional Socialista da qual é vice-presidente, definiu-a como "uma grande família de todos aqueles que reclamam um socialismo democrático, quer sejam trabalhistas, social-democratas, já que as nomenclaturas resultam apenas de diferentes experiências do movimento operário... toda a Internacional Socialista tem os olhos voltados para esta reunião histórica para o trabalho do novo PTB que é de uma importância enorme não apenas para o Brasil, mas para toda a América Latina" concluiu Mário Soares.

Se estas esperanças são descabidas frente à proporção do Encontro, no entanto, elas devem servir de advertência quanto ao papel que o PTB pode vir a cumprir no Brasil como guardião do imperialismo social-democrata, hoje rivalizando na disputa das áreas do terceiro mundo com o velho e carcomido imperialismo americano.

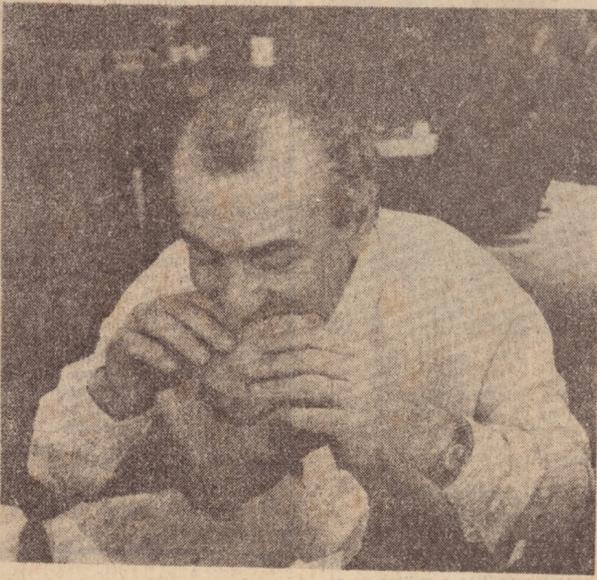
Após a saudação anfitriã, o plenário ouviu por cerca de três horas a abertura do Encontro por Leonel Brizola, numa leitura de um extenso documento de 200 páginas que vinha sendo preparado nos últimos meses. O teor do texto de Brizola vai na mesma linha do documento final aprovado pelo Encontro, cujo caráter principal é uma cópia anacrônica e fora do lugar dos primeiros esboços do socialismo utópico do início do século passado europeu quando sonhadores libertários tentavam conciliar a produção de mercadorias com a justiça e igualdade sociais.

Mas o tom libertário que tais elocubrações tinham no século passado, cedem hoje lugar a uma dissimulação pouco convincente das tentativas que o capitalismo mundial vem fazendo no sentido de se reciclar, quem sabe dentro da estratégia do trilateralismo em moda desde a ascensão de Carter nos Estados Unidos.

Partido dos trabalhadores ou "para os trabalhadores"

Ao falar na abertura, Francisco Julião foi quem melhor definiu o que será o PTB: "um partido de massas, não classista, pluripartidário e que tenha como coluna vertebral os trabalhadores do Brasil". Ou seja, será como sempre foi, um partido indefinido a não ser na sua intenção de ter nos trabalhadores sua base eleitoral tradicional.

O Encontro dos trabalhistas em Lisboa nos dias 15, 16 e 17 últimos ficou muito aquém do que se esperava, e da própria importância que lhe foi dedicada pela imprensa diária. Antecedido pelas declarações desastrosas de Brizola sobre as oposições brasileiras, com um baixo nível de representatividade e com debates e conclusões bastante pobres, e anacrônicas. Assim sua importância real para as oposições consequentes foi que contribuiu para deixar mais claro as muitas ilusões que ainda campeavam sobre a base popular do trabalhismo e sua renovação ideológica.



por Flávio Andrade

A única presença significativa e, para muitos inesperada, ao Encontro foi a do ex-deputado Lyssaneas Muciel, ao que tudo indica, não como mero observador, mas como entusiasta do PTB. Declarou o parlamentar mais combativo do antigo grupo autêntico que "o PTB dentro em breve será o maior partido brasileiro".

No plano sindical, as presenças foram meramente de registro. Francisco Daupra, presidente da Federação dos Metalúrgicos do Estado do Rio, acompanhado do presidente do sindicato da mesma categoria, Osvaldo Pimentel, dizendo-se observadores no Encontro, afirmaram conteúdo que vêm no PTB de Brizola um partido muito mais adequado à classe e importante, do que as articulações me torno do Partido dos Trabalhadores lideradas por Luís Ignácio da Silva, o Lula. Pois "o importante não é apenas um partido dos trabalhadores mas um partido para os trabalhadores, como propõe Brizola" (sic). Serão pelegos???

Em seguida à abertura do Encontro, os trabalhos se dividiram entre 12 comissões que passaram à discussão de diversos tópicos ao longo dos 3 dias até a sessão final de encerramento.

Nesta sessão, Brizola tomando de novo a palavra sentenciou: "o PTB será o antagonista do regime militar de uma maneira que o MDB nunca poderia ser" voltando aos ataques à oposição legal. Só que agora, mais rescaldado que na véspera do Encontro,

mediu as palavras e resolveu partir para a ofensiva política, ainda que nada digna de crédito pelos mais avisados: "O objetivo final do partido será o socialismo democrático, como seu princípio básico, a democracia socialista, que rejeita qualquer forma de autoritarismo". Retomava assim a temática que chegou a acenar na abertura do Encontro quando afirmava que, "não gosto da expressão socialismo no horizonte, porque o horizonte está sempre fugindo; o socialismo é, para o trabalhismo, um objetivo concreto. Mas não precisamos etiquetá-lo pois a definição que precisamos é a que melhor possa ser entendida pelo povo".

"Não gosto do socialismo no horizonte"

Ora, é digno de nota. Primeiro porque assim, Brizola tenta se colocar adiante de todos aqueles que hoje vêm levantando no Brasil a questão do socialismo como imbricada na questão democrática e que para isto vêm por vezes usando a expressão "socialismo no horizonte". A expressão, apesar de não ser precisa, no entanto tem sido mais comprometidamente usada do que Brizola tenta fazer agora.

Em segundo lugar, e não há mais a menor margem de dúvida, o socia-

lismo brizolista ficou agora patenteado inquestionavelmente como social-democratismo a la brasileira. Não há como ter dúvida disto depois do apoio estrondoso da Internacional Socialista ao Encontro. E Mário Soares foi muito claro, denotando inclusive onde Brizola estava indo buscar inspiração, para seus elogios a Figueiredo como o Suarez brasileiro. Falou o líder do PS português na abertura do Encontro: "A América Latina atravessa um período crucial na sua história... a teoria dos direitos humanos não pode ser um produto de exportação para o leste europeu... tem também que ser aplicada no nosso hemisfério ocidental, felizmente o Brasil tem dado mostras de não ser preciso recorrer aos caminhos legítimos da violência contra a usurpação da legalidade democrática... espero que este país possa seguir o exemplo da Espanha que conseguiu sair de uma ditadura para um regime democrático sem violência e derramamento de sangue". Resta dúvidas portanto quanto à inspiração "trilateral" do novo petebismo?

Um socialismo utópico caboclo?

E finalmente, em terceiro lugar e o que é decisivo, o próprio documento final do Encontro deixa clara sua perspectiva programática, dentro da linha de um socialismo utópico caboclo.

A Carta de Lisboa diz: "Como doutrina, o trabalhismo tem seu fundamento no primado dos valores do trabalho. O trabalho é a fonte primária de todos os bens e riquezas, e a relação básica sobre a qual se constitui a vida social... o indivíduo e a família estão como núcleo básico de toda a vida social inerente à própria natureza humana e onde o trabalho emerge igualmente como atividade solidária". Esta estranha mistura de biologia, ética, o cooperativismo não encontra paralelo clássico mais adequado que os tentos dos libertários utópicos do início do século passado com suas propostas de construção dos falanstérios como comunidades excêntricas igualmente rias. Reconhece-se que o capitalismo é contraditório, crítico e explorador, mas recusa-se a atacar o seu próprio cerne, a produção de mercadorias, tentando-se, ao contrário, controlar sob valores éticos humanitários a própria acumulação capitalista.

Se nos utópicos do século passado tal fato se explica fundamentalmente pela inelutância ainda da produção capitalista, e assim destacamos hoje como principal seu caráter libertário, a reafirmação destes mesmos princípios na época do capitalismo monopolista internacional não consegue escamotear seu profundo

social-democratismo caboclo que, felizmente, é de reduzidíssimo apelo popular.

O espectro de classes sociais que o trabalhismo pretende representar é vasto: desde as populações mais pobres e marginalizadas, passando pelos pequenos produtores chegando até os empresários nacionais — com a ressalva: "desde que aceitem o sentido social e o conteúdo ético e democrático do programa trabalhista".

O populismo fisiológico

mas o privilégio em termos de compromisso social é dirigido a dois setores: "os marginalizados miseráveis e as crianças e jovens". Curioso é notar esta novidade. Na medida em que as lideranças dos trabalhadores mais organizadas comprometidas com a luta atual não prestaram nenhum tipo de apoio ao trabalhismo, ele parece tentar buscar apelo em setores marginalizados e que hoje apresentam um baixíssimo ou quase nulo nível de organização. As colocações da Carta de Lisboa não são claras de todo, mas é inegável que deste discurso aos marginalizados decanta um certo tipo de demagogia que pode vir a ter algum efeito junto ao lumpemproletariado. E não deixa de ser interessante comparar este lado programático com o caráter potencialmente fisiológico que o PTB enveredasse na busca de base social por algum tipo de populismo fisiológico do tipo janista ou ademarista.

Isto é patente quando a Carta não consegue ir a fundo em nenhuma questão relevante, apontando soluções. As vaguezas em torno da justiça social, da democracia, do progresso etc., terminam com a colocação de que a propriedade privada, a economia de mercado "não será excluída, mas sim condicionada ao interesse social e ao bem-estar". E até mesmo o rompante nacionalista outrora marca registrada do brizolismo não mais figura nas suas definições programáticas, diluindo-o num genérico controle estatal sobre os investimentos estrangeiros.

Enfim, a Carta de Lisboa é rica em decepções chegando até mesmo ao ridículo pelas suas colocações anacrônicas e diverscionistas. Que aliás, em praticamente nada avança de concreto além do programa liberalfô-de do MDB.

O PTB está praticamente recriado a partir deste Encontro. No entanto ficou marcado para 19 de abril do próximo ano uma convenção para a organização definitiva do partido, dada por sinal da morte de Getúlio Vargas. O que dá finalmente o sentido deste convésco trabalhista. A luz da máxima clássica: a história sempre se repete, cada vez mais como comédia.

Um desencontro com os trabalhadores

Muita gente esperava que depois do chamado Encontro de São Bernardo, reunindo dirigentes sindicais, parlamentares autênticos e intelectuais há cerca de 3 semanas atrás, o trabalhismo que já vinha em baixa astral desde o racha entre Ivete e Brizola, se recolhesse ainda mais. E que, vendo o calibre da representatividade que São Bernardo reunia, os brizolistas, temendo o isolamento diante das oposições populares, talvez preferissem ingressar neste fórum mais amplo onde se prepara a reordenação partidária mais consequente, ainda que às custas de um certo atraso na colheita dos frutos finais.

Mas o tom da recente reunião lisboeta veio desfazer tais expectativas. O caráter taxativo de suas proclamações programáticas não deixa espaço para composições programáticas a não ser aquelas de tipo meramente somatório às fileiras do PTB. O contrário portanto do que vem se dando até agora nas demais articulações partidárias que sempre têm deixado suas colocações num nível algo genérico, ficando uma porta aberta para futuras composições. Não que isto em si seja bom; mas fechar a porta como os brizolistas fecharam sendo que dentro de casa não trancaram nenhuma preciosidade muito pelo contrário, só pode ser um recado claro a todos bem entendedor: nós para cá e vocês para lá.

O que este desenrolar indica é que para os trabalhistas em ge-

ral e para Brizola em particular, vários problemas" são bernardinianos" pesam muito. De um lado a estrutura relativamente mais democrática do que seu PTB não é nada convidativa a estilos caudilhescos e carismáticos de liderança. De outro lado, o tom classista dado pela presença dos articuladores do PT, ainda que incerto no seu desenvolvimento futuro, parece já ter sido o bastante para assustar certos trabalhistas apegados ao eterno namoro com a burguesia nacional. E mais, os desdobramentos do Encontro de São Bernardo são ainda bastante incertos. E o afã dos trabalhistas não está de molde a trocar o certo pelo duvidoso, ainda que o certo nada tenha de correto.

O que se pode já concluir é que o PTB está seguramente entre os partidos vindouros, e com sua marca própria. Para isto, é claro, terá que se inchar com representações nada populares ou de esquerda, como era a meta dos ideólogos do "novo PTB" e o caso entre outros, do senador Prestes Quêrcia e do notável fisiológico deputado Thales Ramalho que falam claramente em um breve para o trabalhismo.

Até onde irá, neste avanço pei direita é ainda incerto. Mas, até que ponto a esquerda trabalhista conseguirá carregar este pesado fardo, iludida com o apelo popular que a legenda supostamente teria junto aos trabalhadores é, contudo, a questão que mais deve nos interessar.

